

ENSAIO FOTOGRÁFICO O TEMPO LENTO E A CORRERIA NA CIDADE: OBSERVANDO O COTIDIANO DA ECONOMIA DO CRACK

William Héctor Gómez Soto¹

Arleson Costa²

A caminhografia, enquanto método investigativo, possibilita captar a vida cotidiana em sua fluidez, ampliando as perspectivas sociológicas sobre os ritmos da cidade. Este ensaio busca explorar as contradições da “correria” no contexto da economia do *crack* em Pelotas, evidenciando a tensão entre a velocidade do fluxo do tráfico e a lentidão das transformações sociais. A fotografia, como registro dessa dinâmica, revela um espaço onde o tempo não se desenrola de maneira uniforme, mas de forma desigual: enquanto as mudanças sociais ocorrem num tempo lento, o mercado do *crack* impõe uma lógica acelerada a grupos sociais que lutam por sua sobrevivência social, no limite de um novo tipo de escravidão. São contradições e tensões que só uma sociologia marginal e do tempo lento permite captar em todas suas dimensões.

No universo do crack, a “correria” não é apenas um deslocamento frenético de usuários e vendedores em busca da pedra ou do lucro imediato. Ela representa também uma estratégia de sobrevivência dentro de um território que se reorganiza constantemente. Se, por um lado, a caminhografia acompanha e documenta essa lógica de movimento, revelando não apenas os trajetos e trocas cotidianas, mas também os tensionamentos e formas de resistência presentes no espaço urbano, por

¹ Docente e pesquisador na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) desde 2006, atuando no curso de Ciências Sociais e no Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7212-8466>. E-mail: william.hector@gmail.com.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia pela Universidade Federal de Pelotas. Licenciado e Bacharel em Ciências Sociais pela mesma instituição. Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-7439-7629>. E-mail: arleson.01@gmail.com.

outro, ela também evidencia a lentidão das mudanças sociais e a ausência de políticas sociais eficazes.

O ato de fotografar em movimento permite capturar fragmentos da realidade que escapam à observação fixa e planejada, revelando a sobreposição de tempos e espaços: a cidade formal, que resiste a mudanças estruturais, e a economia do *crack*, que opera por meio de redes informais, encontros instantâneos e circuitos paralelos. Esses dois tempos se cruzam, mas raramente se integram. Enquanto a cidade se ajusta a transformações graduais, os sujeitos da “correria” vivem no limite da urgência, movidos pela necessidade imediata e pela incerteza. Assim, a caminhografia surge como ferramenta fundamental para interpretar essas dinâmicas e torná-las visíveis.

Fotografar a “correria” é mais do que registrar deslocamentos; é compreender como corpos, objetos e paisagens se entrelaçam na lógica do fluxo constante. O risco, a urgência e a adaptabilidade são elementos que compõem essa narrativa visual, exigindo um olhar atento e comprometido com as realidades que se desenrolam na cidade.

Este ensaio, ao centrar-se na imagem, não busca apenas ilustrar a economia do *crack*, mas contextualizá-la dentro de um cenário urbano que se transforma de forma desigual. Ao caminhar e registrar, a fotografia se torna um meio de leitura crítica da cidade, permitindo um olhar crítico sobre a cidade e suas camadas de exclusão social, resistência e existência em uma vida marcada pela dependência química em *crack*.













